

# SAÚDE E EDUCAÇÃO: AS ATUAÇÕES DO PEDAGOGO NO ÂMBITO HOSPITALAR

DOI 10.5281/zenodo.7713585

Graciella C. Santos<sup>1</sup>

João Adalberto Campato Junior<sup>2</sup>

## RESUMO

Propondo uma articulação multidisciplinar entre medicina e pedagogia cada vez mais densa e rica, o presente trabalho objetiva descrever o trabalho profissional dos pedagogos em espaços improvisados de sala de aula no ambiente hospitalar. Partindo do pressuposto de que a educação consiste num direito constitucional de todos, independentemente de sua condição ou estado, são apresentadas e comentadas ao longo deste artigo tanto as principais dificuldades quanto as importantes realizações do trabalho do pedagogo hospitalar, não deixando de salientar, igualmente, suas imensas potencialidades. A presente pesquisa desenvolveu-se por revisão de literatura

**Palavras-chave:** Educação. Saúde. Pedagogo hospital. Pedagogia. Hospital

## SUMMARY

Proposing an increasingly dense and rich multidisciplinary articulation between medicine and pedagogy, the present work aims to describe the professional work of pedagogues in improvised classroom spaces in the hospital environment. Based on the assumption that education is a constitutional right for all, regardless of their condition or state, both the main difficulties and

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Faccat.

<sup>2</sup> Coordenador dos Núcleos de pesquisa da UNIESP e Professor e Orientador do Programa de Mestrado em Ciências Ambientais da Universidade Brasil.

the important achievements of the work of the hospital pedagogue are presented and commented on throughout this article, not forgetting to emphasize, equally, its immense potential. This research was developed through a literature review

**Keywords:** Education. Health. Hospital educator. Pedagogy. Hospital

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo trata da Pedagogia Hospitalar, tema ainda relativamente novo, mas que vem alcançando, a cada dia, maior relevância no campo da educação e da saúde. Aqui o assunto receberá um tratamento panorâmico e introdutório com o objetivo de proporcionar um contato inicial aos leitores desejosos de uma primeira abordagem com a pedagogia hospitalar.

A pedagogia hospitalar apresenta uma importância inquestionável na medida em que se fortalece o direito inalienável à educação, inclusive daqueles que, por motivos de saúde e estando hospitalizados, não têm as mínimas condições de frequentar as escolas regulares. Trata-se, pois, de uma forma de educação especial que fomenta, também, a inclusão, atendendo crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais, ou seja, que dependem de um atendimento escolar diferenciado, já que também são pacientes de hospitais e de outros espaços de tratamento de saúde. Evidentemente que os profissionais requeridos por essa área da educação deverão ser profissionais especializados, com conhecimento teórico e prático singulares. Da mesma forma, os professores que lidam ou lidarão com esses pacientes-alunos necessitarão de um apoio, seja no desempenho da parte pedagógica até um preparo adequado na parte psicológica. Em outros termos, eles precisam de capacitação adequada.

Conhecendo-se as dificuldades que o pedagogo enfrenta quando decide assumir o desafio de uma sala de aula em um hospital, formula-se a seguinte questão: Qual a contribuição que poderia ser dada para a divulgação, desenvolvimento e incentivo de classes de pedagogia hospitalar, levando a educação também aos alunos que estão nos hospitais?

Sendo pouco conhecida a pedagogia hospitalar, por muitas vezes ela é mal interpretada, sendo entendida somente como sala de leitura diferenciada, abordando apenas

o lúdico. Sendo assim, busca-se, também, contribuir para a alteração dessa visão errônea e ainda muito devedora do senso comum.

Em termos metodológicos, esta pesquisa seguiu o delineamento qualitativo, constituindo, no fundamental, uma pesquisa bibliográfica, levada a cabo com base em leituras de livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos. No aspecto conceitual, destaca-se a leitura dos seguintes textos.

Na tese de doutorado de Sheila Maria Mazer Gonçalves “Construção de uma proposta de formação continuada” (2005), a autora reflete sobre o encontro do novo com base nos conhecimentos adquiridos pelos anos de experiência tanto na área educacional como na saúde, despertando pontos interrogativos, trazendo para si mesmo algumas questões, uma delas sobre o papel desempenhado pelo professor que atua em um espaço hospitalar.

Na dissertação de mestrado de Thaís Grilo Moreira Xavier (2012), “Escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados: Do direito à realidade”, o objetivo é buscar soluções com vistas a desenvolver um projeto pedagógico dentro do ambiente escolar diferente do formal, indo além das paredes das escolas, mas abrangendo aqueles que, interrompendo sem esperar os estudos, querem dar continuidade de uma forma legal, mas também com professores preparados para exercer com confiança a profissão de tamanha importância na aprendizagem de crianças e adolescentes que estão debilitados em suas condições de saúde

No TCC *A contação de histórias para crianças hospitalizadas do hospital da Criança Conceição (HCC)*, Dhenifer da Silva Germann (2015) tem por objetivo compreender a importância que possui a contação de histórias para crianças e adolescentes hospitalizadas, tendo como abordagem a “biblioterapia”, usada, assim, como um recurso terapêutico a mais nos tratamentos de saúde infantil, fazendo com que a criança fique descontraída e não permaneça em estado de desolação por estar longe do seu ambiente familiar. A autora conclui que é indispensável a presença de uma professora auxiliando, não somente a leitura, mas também a aprendizagem em geral. A percepção da importância da professora está presente até quando o hospital dispõe apenas de um espaço para desenvolvimento de contação de histórias, que não deixa de ser uma prática pedagógica, em que, além de enriquecer a literatura do paciente debilitado, vai ao encontro de ajudar a superar momentos tão difíceis.

No artigo “A Educação no hospital: direito à vida”, Rejane de Souza Fontes (2015) tem por objetivo ressaltar que um professor quando está em uma sala de aula hospitalar deve

ser além de um simples recriador que está somente lá para práticas de brincadeiras, mudando o pensamento não somente dos médicos mas também dos familiares. A autora defende, quanto ao mais, que o professor possa ir além dos brinquedos, usando-os como ponto de partida para construção do conhecimento a respeito do universo que cerca a criança ou adolescente. Ela ressalta, ainda, a relevância e necessidade de investimento em professores que tenham disponibilidade para atuar no campo da pedagogia hospitalar, garantindo-lhes uma formação adequada.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo geral salientar a importância da existência sistemática e organizada de salas de aula nos hospitais e, principalmente, de professores capacitados para ensinar e enfrentar situações próprias do ensino em hospital, em que os alunos são pacientes. Já no que diz respeito aos objetivos específicos, pretende-se oferecer atividades lúdicas, educativas e terapêuticas para reflexão e uso do pedagogo hospitalar

## **1 A PEDAGOGIA HOSPITALAR**

### **1. 1 Conceitos de Pedagogia hospitalar**

Em termos conceituais, a pedagogia hospitalar é uma modalidade de ensino da educação especial que visa à ação integrada do educador no ambiente hospitalar, que possibilite que a doença não seja diagnosticada como um fator de descontinuidade do processo educacional na formação da criança ou adolescente (FONSECA, 2013 p. 16).

O profissional da pedagogia hospitalar tem pela frente obstáculos bem sérios como, por exemplo, trabalhar numa realidade de educação não formal, que cada vez mais se torna frequente, tendo em vista que muitas doenças debilitam crianças, jovens e adultos, que, para não abdicarem do estudo, se veem na necessidade de se instruir em ambiente hospitalar.

A pedagogia hospitalar proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais tranquila por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas

específicas e planejadas. Além disso, faz com que esses alunos não sejam prejudicados pela realidade que estão enfrentando no momento.

A pedagogia hospitalar exerce uma função que vai além do contexto educacional tradicional. Os pacientes que, em algum momento, passam por momentos de insegurança e sensibilidade, demandam do profissional da educação um tratamento afetivo diferenciado. Para isso, é fundamental que o professor que atua no hospital saiba escutar e compreender a criança ou adolescente de maneira singular levando em conta seu estado de saúde debilitado. A sensibilidade é, assim, uma habilidade que os pedagogos/professores devem aprender a desenvolver.

Ainda no quadro conceitual, segundo Matos e Muggiatti (2012, p. 79), compreende-se que:

A Pedagogia Hospitalar é aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde.

A Pedagogia Hospitalar, nesse sentido, é uma das muitas manifestações da presença pedagógica em diversas práticas sociais. Segundo Libâneo (2012, p. 11),

Estes espaços não escolares visam incluir socialmente a todos que a educação formal não alcança, tais como a população indígena, os quilombolas, a população rural, as mulheres, as crianças, os adolescentes, os idosos, os presidiários, a população de rua e os portadores de necessidades educacionais especiais.

A criança ou adolescente enfermo e hospitalizado tem que enfrentar desafios propostos inesperadamente, gerando experiências em suas vidas que serão vivenciadas do ponto de vista positivo ou do ponto de vista negativo, e que ficarão armazenadas pelo resto da vida. Com a pedagogia hospitalar implantada dentro dos hospitais, possibilita-se que as preocupações das crianças enfermas possam diminuir pois haverá a ajuda de um profissional pedagogo. Quando elas voltarem ao convívio normal, verá que a aprendizagem que obtiveram dentro do hospital desenvolveu uma capacidade importante:

A prática do pedagogo hospitalar deve transcender à experiência escolar e alcançar níveis diferentes da educação. Educação essa, que visa um

conjunto de ações, processos, influência, estruturas, que intervêm no processo do desenvolvimento cognitivo e humano dos indivíduos. (WOLF, 2011, p. 97).

A família no contexto da pedagogia hospitalar tem um destacado papel a ser desenvolvido, em conjunto com os médicos, enfermeiros, pedagogos e equipe responsável, incentivando as crianças e criando nelas um ambiente afetivo de segurança e tranquilidade a favorecer, a valorizar e comemorar os novos conhecimentos adquiridos pela criança ou adolescente, que está passando por um momento de fragilidade e que precisa de muito incentivo para dar continuidade a tudo que aprendeu em sala de aula de uma escola normal, transferindo para um outro espaço, seja ele um leito de hospital, brinquedoteca ou qualquer outro lugar em que esse trabalho possa ser efetuado de uma forma construtiva e incentivadora para continuidade da aprendizagem.

Nestes casos, o pedagogo tem um papel de assessoria e consultoria, que acontece através do atendimento clínico individual ou em grupo. Esses atendimentos, além de serem coletivos, podem ser intercalados entre alunos, pais, ou família de uma forma geral. A pedagogia não escolar auxilia no desenvolvimento da família, comunidade, nas organizações, nas relações religiosas, enfim, na vida sócio comunitária (AROSA, 2007, p. 52).

O pedagogo deve buscar meios racionais e afetivos que envolvam os alunos enfermos a de forma alguma desistir ou desanimar diante das frustrações apresentadas dentro do ambiente hospitalar. Nesse termos, o pedagogo hospitalar deverá ser o primeiro a estar totalmente convencido de que uma relação de ensino e aprendizagem pode se verificar em qualquer lugar.

Segundo Matos e Muggiati (2001, p.142)

Educar é considerado um processo global que envolve o todo em sua totalidade, um processo que ocorre em qualquer espaço físicos, com diferentes atores, empenhados em converter esse momento de dor e hospitalização em múltiplas formas de aprendizagem. Para tanto, o papel do pedagogo torna-se muito importante na vida dessa criança/adolescente hospitalizado.

Enfim, a existência e a atuação do pedagogo dentro do espaço hospitalar visam proporcionar um contexto saudável e não traumático ao paciente para que a aprendizagem infantojuvenil possa ocorrer tanto quanto possível normalmente.

## 1.2 Breves aspectos Históricos da Pedagogia Hospitalar

A pedagogia hospitalar teve início em meados do século XX, na França, mais especificamente, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na ocasião em que uma multidão de crianças e adolescente com idade escolar foram feridas e mutiladas, justificando sua permanência em um hospital por longo tempo.

Com a iniciativa de amenizar as consequências causadas pela guerra, manifesta-se, entre outros, Henri Charles Sellier, administrador urbanista e político socialista, nascido em 22 de dezembro de 1883 e que faleceu no ano de 24 de novembro de 1943, e que também foi Ministro da Saúde da França.

No ano de 1935, Henri Sellier inaugurou, em Paris, a primeira escola destinada a crianças que tinham seu aprendizado interrompido por motivos de doenças ou mutilação, surgindo, assim, a classe hospitalar, atividade que começou a se expandir fortemente por outros países como Alemanha, Europa e Estados Unidos.

Era, com efeito, uma visão diferente do espaço escolar e também do ensino levando-se em conta crianças e adolescentes que tinham doenças que exigiam internação por tempo indeterminados, como, por exemplo, as doenças pulmonares,

No final da Segunda Guerra Mundial, havia um enorme número de crianças e adolescentes impossibilitados de se locomover até a escola. Surgiram, assim, em 1945, as escolas nos hospitais da Europa. A pedagogia hospitalar teve início no Brasil em 1931, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com atendimento pedagógico a deficientes físicos.

O atendimento no Brasil ganhou força mesmo em agosto de 1950, no Hospital Municipal Jesus, localizado no Rio de Janeiro; porém, alguns estudos mostram que teve início, de fato, no estado de São Paulo.

O atendimento pedagógico educacional hospitalar cada vez mais requisitado amplia a reflexão sobre a sua importância dentro do contexto educacional e emocional para as crianças e adolescentes.

### 1.3 O papel do pedagogo hospitalar

O pedagogo tem a responsabilidade de organizar e superar desafios, de lidar com diversos casos de imprevistos. Isso porque existem vários tipos de patologias que acometem as crianças e jovens em idade escolar, em que há um envolvimento mais delicado entre o aspecto cognitivo, emocional e a saúde dos jovens pacientes.

Ao bem compreender as causas e sintomas das doenças das crianças e adolescentes, a contribuição do pedagogo pode ser mais efetiva. Pois, ao lidar com algum enfermo cujas causas foram diagnosticadas, o pedagogo poderá fazer adequação de sua prática de ensino àquele aluno-paciente, sempre tendo em conta que as condições do aluno-enfermo influenciarão nos horários de atividade, das tomadas de medicações, de sono, bem como em sua disposição geral, que pode ser bem diferente do aluno não hospitalizado.

Ações relativas ao aspecto emocional são fundamentais. Observar os pacientes, conversando com eles para afastar um sentimento de medo, fazendo que a criança ou adolescente consiga desenvolver uma estabilidade para enfrentar desafios que se somaram a sua vida constitui uma das tarefas mais importantes do pedagogo hospitalar.

Os conteúdos programáticos contidos no planejamento são baseados nas possíveis carências de aprendizagem das crianças internadas. Quando, de início, o pedagogo, ao travar seu primeiro contato com a criança ou adolescente, faz uma sondagem para obter os conhecimentos prévios, baseando-se em conteúdos significativos e dialogando com as crianças, desperta nelas uma sensação de que elas são importantes, aumentando a autoestima do aluno-paciente com a expectativa de desenvolver uma forma de aprendizado produtiva e eficaz. Sendo assim, o pedagogo tem a incumbência de intervir, pois a realidade de sua profissão vai além de aspectos meramente econômicos:

A retribuição do pedagogo vai além somente do financeiro. Quando trabalha no ambiente hospitalar, recebe valores que não são debitados, valores são acrescentados como, por exemplo, o amor que envolve a criança ou adolescente, a família e o trabalho feito diante de uma escolha que ajuda especificamente a enfrentar um momento tão difícil, oferecendo um suporte para que essa prática pedagógica de aprendizagem, dentro do ambiente hospitalar, contribua para o retorno à sociedade, não abatendo seus objetivos mas criando, promovendo, conhecimento; portanto, dando continuidade ao ensino e aprendizagem da criança e adolescente, desenvolvendo a vontade de sonhar e ter esperança de voltar à escola. Com base no inacabamento, nasce o problema da esperança e da desesperança. Podemos fazer deles o objetivo de nossa reflexão. Eu espero na medida em que começo a busca, pois não seria possível buscar sem esperança.

Uma educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança na educação dos camponeses deverá procurar trabalho noutra lugar (FREIRE, 2001, p.15)

A esperança tem um enorme peso nessa relação. Papel principalmente no ambiente hospitalar, seja na vida do pedagogo que com determinação enfrenta uma realidade cheia de imprevistos e delicada, mas com elementos favoráveis.

#### **1.4 A Pedagogia Hospitalar e a Humanização da educação**

O profissional da pedagogia hospitalar tem como propósito realizar um bom trabalho, com flexibilidade, seriedade, comprometimento e respeito com a criança ou adolescente internado em hospitais. Primeiramente, como forma de humanização, tem de buscar um bom espaço físico para as atividades, mesmo que ele tenha de passar por adaptações.

Para o entendimento do significado de humanização, atente-se para os conceitos abaixo apresentados, de autoria de Matos e Mugiatti; Laplane; Jajbhay; Frederico; e Ortiz e Freitas.

[...] Esses trabalhos colaboram para a compreensão dos elementos constitutivos da saúde, em uma perspectiva que incorpora a complexidade dos fatores biológicos psicológicos, sociais e culturais e não apenas a doença. Abre-se assim a possibilidade de abordar de forma mais ampla as necessidades das crianças e de suas famílias e os requisitos do sistema de saúde para atendê-las. (LAPLANE; JAJBHAY; FREDERICO, 2015 p. 221).

O evento hospitalização traz consigo a percepção da fragilidade, o desconforto da dor e a insegurança da possível finitude. É um processo de desestruturação do ser humano que se vê em estado de permanente ameaça. Afastar-se de sua casa, escola, família e amigos são aspectos comprometedores de sua autoestima que acaba afetando seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo. (ORTIZ; FREITAS, 2005, p. 27).

A pedagogia hospitalar desempenha um papel muito importante dentro do ambiente hospitalar, trazendo uma contribuição para a criança ou adolescente, que tem seu dia de enfermidade e que passa por privações, sofrendo, igualmente, variações de humor. Assim, a pedagogia hospitalar consegue tornar esse período angustiante num relativo bem-

estar, uma forma de cidadania e de humanização, o que é direito de toda criança e adolescente.

Estando a criança ou adolescente afastado do ambiente escolar, situação em que passa por um período de muita dor e insegurança, o fato de humanizar a situação de permanência hospitalar faz da pedagogia hospitalar um grande passo de contribuição para dar sequência ao aprendizado normal da criança doente, tornando momentos difíceis em envolvimento e sensibilidade, em uma oportunidade de aproximar a criança ou adolescente, de trazer para dentro do hospital o seu cotidiano não adquirindo sequelas quando receber alta para o seu convívio normal.

A família desempenha um destacado papel ao apoiar e sempre trabalhar em conjunto para que a pedagogia hospitalar obtenha um sucesso de maneira que o profissional transmita de forma humana, contribuindo para o bem estar da criança ou adolescente.

[...] para a pessoa hospitalizada, o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas, separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais (MEC/SEESP, 2002, p. 10).

### **1.5 O espaço da pedagogia hospitalar na formação do pedagogo.**

Especificamente, a formação do pedagogo está inserida dentro de várias práticas, decorrentes de tudo o que ele recebe de aprendizado na sua formação acadêmica. Trata-se de uma formação ampla que lhe possibilita trabalhar em várias práticas educativas desenvolvidas nos mais diferentes espaços. Conforme acentua Arosa (2007 p. 37):

Portanto, o pedagogo pode atuar em várias instâncias da prática educativa, participando dos processos de aquisição de saberes e modos de ação na formação humana.

É preciso salientar, conforme o pensamento de Arosa (2007, p.52), que a pedagogia não se fixa apenas e tão somente no âmbito escolar. Isso porque, atualmente, o papel do pedagogo envolve outros ambientes de educação informal.

Nestes casos, o pedagogo pode desempenhar um papel de assessoria e consultoria, que acontece por meio do atendimento clínico individual ou em grupo. Esses atendimentos, além de serem coletivos, podem ser intercalados entre alunos, pais, ou família de uma forma geral.

Embora seja um campo em crescimento, as faculdades, universidades e centros universitários que oferecem a graduação em pedagogia ainda dispõem de muito pouco espaço nas grades curriculares para a pedagogia hospitalar.

Nos cursos de graduação, quando ela existe, faz parte de disciplinas optativas ou eletivas e não de disciplinas obrigatórias. Assim, na maior parte dos casos, os estudos de pedagogia hospitalar são feitos em âmbito de especialização *lato sensu*.

Mesmo nesse caso, ainda os cursos existentes são pouco numerosos, tendo escassa oferta e pouca demanda se comparados a outras especializações de área, como psicopedagogia, gestão escolar ou educação inclusiva, por exemplo.

### 1.6 Aspectos legais da pedagogia hospitalar

Das leis que interessam para este artigo, é preciso atentar para o artigo abaixo da LDB:

#### **LDBE - Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

**Art. 4º-A.** É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa. (Incluído pela Lei nº 13.716, de 2018).

Assim, de acordo com o documento do MEC e da SEESP (2002), as classes hospitalares devem estar equipadas com variados recursos audiovisuais, como computadores em rede, televisão dentre outros, além de possibilitar a elaboração, o desdobramento, a avaliação e o contato do educando hospitalizado com o professor e os colegas de sala de sua escola de origem.

Saúde e a educação são campos distintos, com especificidades e características diversas; porém, na maior parte das vezes, devem ser tratados conjuntamente, pois ambas concorrem a fim de tornar o ambiente mais agradável e apropriado.

A educação tem um papel de extrema importância no desempenho de atividades pedagógicas. A Constituição da República de 1988, no artigo 227, destaca que: “É dever da Família, da Sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, a saúde, a alimentação, à educação, ao lazer.

Nessa linha de raciocínio, a recreação hospitalar é uma atividade importante para o desenvolvimento da criança ou adolescente.

A lei afirma que:

Art. 1º Os hospitais que oferecerem atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

**Parágrafo único** – o disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

## A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO HOSPITAL

### 2.1 Atividades pedagógicas sensoriais

Os hospitais em suas estruturas nem sempre foram projetados com espaço físico a ser ocupado por brinquedoteca, a qual poderia ser usada pelos pacientes em idade escolar. Vasconcelos (2010) destaca a importância do envolvimento em busca de recursos que, se obtidos, podem atuar na adaptação dos hospitais para tais espaços.

No ambiente hospitalar, já transparece uma realidade diferenciada. Tal ambiente é turbulento e sombrio, deixando as crianças inseguras e totalmente desconfortáveis mediante o uso de medicamentos, exames, visitas, numa rotina contrária a todo seu cotidiano em uma escola formal.

Nessa ordem de pensamento, o primeiro contato entre o pedagogo hospitalar e a criança ou adolescente enferma principia com o contato do prontuário, tomando-se consciência do quadro de saúde do paciente para que possa entender e tomar posição do ponto de partida do ângulo da educação.

A primeira impressão deve ser reveladora, mas a clareza da situação será obtida com o correr dos dias. Ademais, o acolhimento e a adaptação no ambiente são de extrema importância de maneira a inseri-los nas atividades propostas. As crianças que não conseguem se deslocar terão atendimento em seus leitos. Fonseca (2008, p.46) ressalta:

[...] Assim acredita-se que o aluno-paciente daquele dia pode não ser o do dia seguinte, por vários motivos. Com isso, torna-se importante terminar a atividade no mesmo dia.

De acordo com a citação acima, o pedagogo deve sempre contar com o inesperado, elaborando práticas pedagógicas à luz de um projeto flexível, que abrange um público especial e que corre riscos palpáveis até de vida. Como se isso não bastasse, tratando-se da relação entre professor e um aluno adoentado, é preciso ter certo cuidado com questões temporais a fim de não alterar os horários para medicação, exames e alta etc. Semelhantemente, é necessário ter cuidado para que algumas particularidades médicas de secundária relevância também não prejudiquem o programa educacional que está sendo desenvolvido e de cujo sucesso também depende a recuperação global do aluno-paciente.

No entanto, impõe deixar claro que as atividades do pedagogo devem ser diversas com o objetivo de favorecer a construção de uma pedagogia apta a transformar, possibilitar o autoconhecimento do paciente, com aprendizagem significativa, contribuindo com o aumento da autoestima dos pacientes em idade escolar. Independentemente se o aluno encontra-se em uma sala de aula regular ou no quarto de um hospital, cabe ao pedagogo cuidar para que a criança e o adolescente adquiram autonomia, espírito crítico e reflexivo e que estejam habilitados a fazer leituras do mundo adequadas. Seria até interessante ao pedagogo desenvolver – guardados os devidos limites - tais posturas com base na condição atual do aluno, valendo-se da situação hospitalar para fomentar algumas reflexões pertinentes àquele momento existencial, desde que não atrapalhem o sucesso do tratamento médico.

A condição da aprendizagem, em situação que difere do cotidiano de uma escola formal, requer uma visão mais ampla do profissional, demandando práticas pedagógicas que superem a ortodoxia dos processos atuais (MATOS; MUGGIATI, 2009, p. 115).

O pedagogo hospitalar precisa ir além do tradicional, buscar novos métodos, recursos didáticos e pedagógicos que despertem na criança e no adolescente a vontade de interagir, de aprender, de sociabilizar experiências e entender que, mesmo estando em um hospital, eles são capazes de adquirir novos conhecimentos. E, por mais básico que seja o processo de ensino-aprendizagem, ele fornece a esses indivíduos forças para lutar e enfrentar o momento difícil pelo qual passam. (WOLF, 2011, p. 91)

Numerosos fatores concorrem para o desempenho de ações pedagógicas dentro do âmbito hospitalar, com várias abordagens podendo ser realizadas, intervenções produtivas e em diferentes graus de desenvolvimento de ações educacionais, dependendo se o tempo de permanência do aluno/paciente for longo, médio ou curto prazo. A escolha de um bom local para que essas práticas aconteçam, respeitando, também, o quadro de saúde do aluno/paciente, é fundamental. Segundo Ceccim (1997, p. 80),

é possível o aprender dentro do hospital, a aprendizagem de crianças doentes que, afinal, estão doentes, mas em tudo continuam crescendo. Acreditamos ser, também nossa, a tarefa de afirmar a vida, e sua melhor qualidade, junto com essas crianças, ajudando-as a reagir, interagindo para que o mundo de fora continue dentro do hospital e as acolha com um projeto de saúde.

A pedagogia hospitalar vem, portanto, contribuir para melhor aceitação da enfermidade, para cuja cura as ações e intervenções educacionais são importantes. O desempenho das crianças e adolescente necessita de um estudo específico mais aprofundado, envolvendo o cotidiano após a alta e percorrendo todo processo dentro do âmbito hospitalar.

Adiante, apresentam-se algumas atividades que poderão ser aplicadas em processo de pedagogia hospitalar.

## **2.2 Atividades pedagógicas motoras**

Importante no desenvolvimento geral da criança, a parte motora tem um papel a ser desenvolvido na pedagogia hospitalar. Trata-se do desenvolvimento relacionado ao conhecimento do corpo, quando criança inclui a atividade motora no processo de aprendizagem, com estímulos oriundos de brincadeiras e outras atividades físicas, que evoluirão, com o auxílio e a mediação do pedagogo, para uma tomada de consciência em relação à coordenação, controle e consciência do corpo.

Cumpre ressaltar que atividades pedagógicas motoras estimulam o esquecimento – mesmo que momentaneamente - por parte da criança de que ela está enferma ou debilitada. A prática organizada e planejada de brincadeiras conduz os alunos-enfermos a vivenciar experiências por meio das quais eles se sentem mais autônomos e capazes. Auxiliam nesta prática jogos de encaixes, quebra-cabeça, nós e laços,

### **2.3 Atividades pedagógicas da leitura e escrita**

Trabalhar o processo de ensino-aprendizagem em um ambiente em que a morte está presente, podendo, infelizmente, o aluno/paciente estar presente hoje e ausente amanhã não constitui uma experiência fácil nem para professor, que a vivencia conscientemente, nem para o aluno, que possui uma vivência mais indireta dela, mas não menos sofrida.

Em situações-limite como estas, o trabalho com a literatura infantil pode alcançar bons resultados. A literatura proporciona a possibilidade de tratar temas difíceis, temas-tabu de forma lúdica e simbólica, conduzindo as crianças por meio de um processo de projeção a lidar melhor com seus medos ou extravasar suas angústias até que possam conviver melhor com ela.

Mediante a leitura, sobretudo da literatura infantil, a criança passa por um processo catártico de libertação de seus medos e angústias, que, dependendo dos casos, poderão até ser racionalizados. A função expressiva da literatura infantil é, similarmente, importante, pois a criança, ao ler ou ouvir uma história, pode verbalizar sentimentos de uma maneira mais natural, experimentando o alívio de conseguir se expressar. Outra função de destaque da literatura infantil é a evasiva, por meio da qual quem a lê experimenta uma sensação de evadir da realidade do dia a dia em direção ao uma realidade fantástica, oferecendo alívios ainda que temporários.

A literatura infantil, para além de todos esses contributos basilares, auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança, que, mesmo distante da escola formal e de livros, não terá dificuldades maiores para entrar em contato com informações importantes para seu desenvolvimento intelectual. Tudo concorrerá para que o aluno e o professor possam compreender que, a despeito de uma classe ter alunos em estágios diferentes de conhecimento, no hospital, a questão diz respeito a patologias diferentes, podendo ser de grau leve a mais avançado. Mas, seja como for, todos têm direito de aprender. O ambiente escolar deve ser pensado para propiciar inúmeras interações com a língua escrita. O papel do professor é mediar interações, respeitando os limites na parte escrita e oral.

## 2.4 Atividades pedagógicas de matemática

A matemática, que é reconhecida, já na escola regular, como de aprendizagem dificultosa para alguns alunos, torna-se um desafio ainda maior para alunos que estão adoecidos em ambiente hospitalar e que precisam dar continuidade a seus estudos.

A condição da aprendizagem, em situação que difere do cotidiano de uma escola formal, requer uma visão mais ampla do profissional, demandando práticas pedagógicas que superem a ortodoxia dos processos atuais (MATOS; MUGGIATI, 2009, p. 115). Traduzindo, é possível afirmar que o pedagogo hospitalar não deve se preocupar, num primeiro momento pelo menos, em passar aos alunos operações abstratas e que estão fora do contexto do dia a dia. Deve preferir, pelo contrário, veicular operações que façam com o que o aluno entenda sua situação atual e o espaço no qual se encontra também atualmente. Nesse contexto, seria de grande valia tratar concretamente questões como o tempo e como as medidas. Enfim, deve-se, acima de tudo, estimular a inteligência da criança, que, destarte, poderá rapidamente se encaixar na escola regular quando a ela estiver de retorno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos caminhos percorridos ao longo deste artigo, que buscou articular saúde e educação, observou-se que o pedagogo que desenvolve seu trabalho no ambiente hospitalar tem uma importante função no contexto de um espaço novo e desafiador. Para que sua atuação garanta o processo de aprendizagem, é preciso de estudo, dedicação, sensibilidade, atenção e compreensão, garantindo, assim, uma continuidade no ensino e aprendizagem às crianças e adolescentes enfermas e hospitalizadas como se elas estivessem numa sala de aula normal.

Nessa linha de considerações, para que haja um trabalho realmente de qualidade, urge envolvimento entre o pedagogo e a equipe multidisciplinar dos hospitais, de uma tal forma que todos se sintam formando uma equipe coesa, alcançando objetivos além dos

muros e dos limites inicialmente impostos. Apenas trabalhando em equipe, o pedagogo hospitalar poderá fazer a diferença. Segundo Wolf (2011, p.97),

A prática do pedagogo hospitalar deve transcender à experiência escolar e alcançar níveis diferentes da educação. Educação essa, que visa um conjunto de ações, processos, influência, estruturas, que intervêm no processo do desenvolvimento cognitivo e humano dos indivíduos.

Em passos não tão lentos tampouco não tão velozes, a pedagogia hospitalar vem conhecendo um fundamental e necessário crescimento, com o qual poderá ser processada a continuação do desenvolvimento educacional das crianças e adolescentes que, por variados motivos, encontram-se hospitalizados e aos cuidados médicos.

Como quer que seja, cumpre não se esquecer de que o atendimento educacional a crianças e adolescentes hospitalizados consiste num direito previsto na legislação educacional brasileira, considerando as necessidades do aluno-paciente.

## REFERÊNCIAS

AROSA, Armando C, SCHILKE, Ana Lúcia. **A escola no Hospital:** espaços de experiências. Niterói: Intertexto, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação.** 21 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução 41/95.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Ceccim, R. B. (1997). *Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida.* R. B.; CARVALHO, P. R. A. *Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida.* Porto Alegre: UFRGS, 27-41.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**. Disponível em <<http://www.santamarina.g12.br>> Acesso em: 12 maio. 2016.

FONSECA, Eneida Simões da. **A Situação Brasileira do Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FONTES, R.S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. 2003. 205f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5.ed - São Paulo, Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e buscas*. **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

LAPLANE, Adriana Lia Frizman de; JAJBHAY, Samira Fiorezi; FREDERICO, Jacqueline Caroline Costa. Crianças com doença renal crônica não estudam? **Crítica educativa**. Sorocaba, v.1, n.2, p. 218-229, jul./dez. 2015. p. 218 – 229.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 17 out. 2019.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2009.

MATOS, E.L.M, MUGIATTI, M.T.F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e saúde**. 7 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Orgs.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEC/SEESP. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**: estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

MAZER, G.M. *Construção de uma proposta de formação continuada*. 2005. Tese de doutorado.

OLIVEIRA, Vera Barros. **O lúdico na realidade hospitalar**. In: BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: isto é humanização. Drauzio Viegas (org.); Associação Brasileira de Brinquedotecas. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

ORTIZ, L; FREITAS, N. S. **Classe hospitalar**: caminhos pedagógicos entre saúde e educação. Santa Maria: UFSM, 2005.

Resolução CNE/CEB n.º 2, de 11 de setembro de 2001. Estabelece as Diretrizes

Nacionais de Educação Especial. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília. DF. TAAM, R. Assistência pedagógica à criança hospitalizada. 2000. 216f

WOLF, R. A. P. **Pedagogia Hospitalar**: A prática do pedagogo em instituição não escolar. São Paulo. Vozes, 2001

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. Pedagogia hospitalar: a prática do pedagogo em instituição não-escolar Disponível em <  
<http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao03/artigo11.pdf> > Acesso em 24 de fev de 2011.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.

VASCONCELOS, S. M. F. Histórias de formação de professores para a Classe Hospitalar. **Revista Educação Especial**. Santa Maria: Universidade Federal do Ceará, v. 28, n. 51, 27-40, jan./ abril. 2015.

UNESCO. Declaração de Salamanca. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em 19 de novembro de 2019.

XAVIER, M.G, Na dissertação de mestrado (2012), “Escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados: Do direito à realidade.

RECEBIDO: 17/11/22

APROVADO: 07/12/22